

A memória da sociedade americana: *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*

José Miguel Moura

Resumo:

Quando a infância de um escritor coincide com a infância consumista americana, é natural que haja muitas histórias para partilhar num livro de memórias que parece conter em si o que muitos consideram um tabu editorial: a confissão e a celebração de uma infância feliz. *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*, a autobiografia de infância de Bill Bryson, recria os prazeres pueris de um rapaz a crescer na década de 1950, numa sociedade em busca da concretização dos seus impulsos consumistas, ao mesmo tempo que vive na ansiedade de uma pretensa aniquilação nuclear. Dividido em duas partes, a primeira parte deste artigo é uma breve reflexão sobre a literatura autobiográfica, enquanto a segunda procura analisar o livro de Bryson tendo em conta a tensão entre o tempo narrado e o tempo da narração, questionando também a hierarquia de saberes, ou seja, de que forma o paradigma do conhecimento utilitário ainda pode ser subvertido através da própria literatura.

Palavras-chave: literatura autobiográfica; consumismo; década de 1950; Guerra Fria; infância.

Abstract:

When a writer's childhood coincides with the childhood of American consumerism it is only natural that there are many stories to be shared in a book of memories that many may consider a publishing taboo: the unapologetic celebration of a happy childhood. *The Life and Times of the Thunderbolt Kid*, Bill Bryson's childhood autobiography, recreates the puerile pleasures of a boy growing up in a society trying to fulfill its consumerist impulses of the 1950s, while simultaneously facing the anxious times of nuclear annihilation. Divided into two sections, the paper's first section deals briefly with autobiographical literature, while the second section is devoted to Bryson's book, focusing on the tensions between the time being narrated and the time of the narration. It also questions the hierarchy of knowledge, meaning the ways in which the paradigm of utilitarian knowledge can be subverted by literature itself.

Keywords: autobiographical literature; consumerism; 1950s; Cold War; childhood.

1. As autobiografias

Certamente existiu alguém que formulou a hipótese de que o casamento reflete o desejo incontrolável de termos uma testemunha da nossa vida. Ora, mediante tal raciocínio, talvez possamos pensar que todos os autobiógrafos terão tendências poligâmicas na medida em que parecem nunca contentar-se com essa irreparável domesticidade nas suas vidas. No entanto, há que questionar se esse desejo de

incontáveis testemunhas perante uma determinada vida revelará alguma presunção, alguma convicção na relevância que essa vida tornada história poderá ter para nós, esses leitores anônimos que deambulam por bibliotecas e livrarias – ou mesmo frequentando a pacatez da nossa própria domesticidade através de plataformas online – em busca de histórias que se assumam como modelos tutelares, no mesmo momento em que reproduzem a domesticação da memória enquanto romances da vida.

Apesar de o objectivo deste texto não ser uma reflexão sobre a literatura autobiográfica ou perceber, desde a publicação em 1782 das *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, o porquê da obsessão pela encenação do privado, pretendo afirmar – por me propor analisar um texto de memórias – que as autobiografias pertencem a uma contínua prática cultural de poucos para muitos, em que o objeto livro é conscientemente eternizado como símbolo cultural de autoridade, outorgador de reverência e respeitabilidade intelectual. William Zinsser, na introdução de *Inventing the Truth: The Art and Craft of Memoir*, escreve que esta é a idade da memória:

Todas as pessoas têm uma história para contar, e todas estão a contá-la. [...] Hoje, nenhum episódio rememorado é demasiado sórdido, nenhuma família demasiado disfuncional para ser exibida em livros, revistas ou programas televisivos a uma multidão enlevada (1998: 3).

Mas o que Zinsser parece esquecer é que os objetos culturais em questão produzem diferentes significados culturais: por mais encantos e possibilidades que a televisão ou as revistas ofereçam, nunca poderão superar a autoridade e a suposta relevância intelectual que emana do objeto-livro. Talvez Groucho Marx tenha entendido esta autoridade melhor do que ninguém quando afirmou que considerava a televisão muito educativa, apenas para terminar com a famosa *punch line*: "Cada vez que alguém liga o aparelho, vou para outro quarto e leio um livro".

Se assumirmos que a degradação da autobiografia contemporânea como género literário provém de um suposto apetite pelo escândalo ou pela confissão que pouco mais é do que terapia ou ajuste de contas, então teremos de reconhecer que, apesar de a televisão estar mais do que disposta a carregar nos seus ombros um entretenimento que requer um investimento quase nulo mas gerador de lucros fabulosos, as autobiografias que emulam os métodos televisivos sensacionalistas talvez nos relembrem que o livro é apenas mais um dos muitos produtos inconfessadamente descartáveis com que decoramos a nossa vida: a imagem de bibliotecas pessoais

imaculadamente organizadas e catalogadas, em que os títulos foram criteriosamente selecionados como vãs promessas de autoridade intelectual reflete nada mais que uma síndrome gatsbyana.¹

Na sua vertente socioeconómica, as autobiografias são também um instrumento de perpetuação de valores capitalistas: se forem, como nos habituámos a que sejam, narrativas contadas sob a perspectiva da ética capitalista do sucesso, em que a inevitabilidade da ideia de que a vida humana "[...] é uma sequência de obstáculos que têm de ser ultrapassados de modo a alcançarmos um objetivo", gera a suspeita de que sucumbimos a uma "[...] fantasia punitiva e puritana de líderes de escuteiros, majores-generais e administradores empresariais" (Eagleton, 2004: 114).² Deste modo, não será despidendo concluir que as autobiografias com que somos confrontados são o testemunho perfeito de um pensamento anti-essencialista em que os seres humanos operam somente ao nível de significado e valor – um erro conveniente para demasiados intelectuais –, e que talvez seja essa a razão fundamental porque as sociedades capitalistas modernas fazem com que seja especialmente difícil pensarmos em termos não-instrumentais, onde tudo gira num vórtice de utilitarismo, em que as vidas que lemos são uma conveniente e afável derisão de uma noção de vida aristotélica – em que Marx se baseou para a noção de socialismo –, que jocosamente aprendemos a desprezar pela sua aparente impossibilidade no momento hodierno.

Assim, a importância desmedida que a autobiografia assume hoje nas nossas práticas culturais é a perfeita demonstração do erro de Descartes: "Penso, logo existo", pode então reformular-se em "escrevo-me, logo existo", pois nós, os que somos confrontados, mesmo que inadvertidamente, pela profusão de autobiógrafos e pela incontinência clínica dos seus relatos, diríamos a Descartes que a prova do seu erro está hoje exposta nos escaparates de todas as livrarias e bibliotecas do mundo e contida no desejo calado daqueles que ainda não publicaram a sua autobiografia. O memorialismo, essa suprema encenação a que poucos se atrevem, sendo esses poucos aqueles que, com a autoridade de uma vida tornada pública, insistem que seja novamente tornada pública – algo de muito semelhante à Teoria do Eterno Retorno, de Nietzsche –, agora

¹ Cunho este termo através da associação com Jay Gatsby, personagem de *The Great Gatsby*, por F. Scott Fitzgerald.

² A responsabilidade pela tradução de citações, à excepção das da obra em análise, é do autor.

sob outra forma e com métodos distintos que acentuam a agência do narrador ou, por outras palavras, a derradeira reconstrução da sua realidade. Esse é talvez o lado obscuro e maligno da agência: vidas que pensam ter-se tornado em versões autorizadas delas próprias. Mas também não é de estranhar a representação que a comunidade mantém da escrita: esta surge como o meio ideal para confissões e revelações – afinal, os diários são uma importante herança cultural – porque a palavra escrita deixou de ser dita em voz alta. É sussurrada quando a lemos, tal como os segredos o são.

E se hoje Descartes pudesse vislumbrar os escaparates das livrarias, tornar-se-ia evidente para ele o exílio dos genuínos contadores de histórias no género autobiográfico. Perguntamo-nos sobre a sua ausência e estranhamo-la. Em suma, e temo que apenas guiados pela nossa percepção do quotidiano, talvez possamos afirmar que as autobiografias tornaram-se hoje num dos principais instrumentos de hierarquia social. Será ousado pensar que, como Nicole Aschoff (2015) sugere, poderão elas ser uma das mais eficazes formas de demonstração de poder?

As histórias tornam-se poderosas e decisivas porque as pessoas adoram histórias e porque a sociedade necessita de histórias. As grandes histórias reproduzem a ordem social através do provimento de significado e estabilização. [...] De facto, a capacidade do capital para apresentar periodicamente um novo conjunto de princípios legitimadores que facilitem a participação voluntária da sociedade explica a sua extraordinária longevidade, apesar de surtos periódicos de crise profunda.

Que vidas, afinal, é que são publicáveis? No contexto presente, há que temer pelas autobiografias como meras coroações de vidas que se limitam a proclamar e reiterar a dinâmica predatória de indivíduos imersos na lógica do sucesso ideológico das sociedades de mercado, uma vez que as vidas publicáveis ora são histórias de percursos 'from rags to riches' – um tipo de literatura popularizado no século XIX por Horatio Alger, Jr., um escritor enternecido com os valores capitalistas da época –, ora, como Aschoff refere, são meros veículos de promoção que visam normalizar os valores supremos inerentes a uma sociedade plena de antropofagia. Dir-se-ia que as vidas publicáveis residem ou aspiram ao *penthouse* da pirâmide social, tornadas hegemónicas pelo domínio discursivo que a retórica capitalista propõe como tutelares, vividas nesse brilho avassalador que ainda permanece intacto depois de a claridade das câmaras de filmar e de fotografia se desvanecer, como se esse brilho pudesse permanecer intocado sob a epiderme.

2. Uma autobiografia

Não é exatamente verdade, mas agrada-me pensar que a carreira literária de Bill Bryson começou com a frase com que inicia *The Lost Continent: Travels in Small-Town America*: "Venho de Des Moines. Alguém tinha de o fazer" (1989: 3). Alguém tinha de vir de lá, e digo-vos que ainda bem que foi Bryson. O livro de que vos falo, *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*,³ é muito mais do que um texto autobiográfico. É também uma reflexão sobre a própria infância, sobre crescer lentamente até o desejo sexual ocupar quase todo o corpo, sobre os prazeres pueris e descomprometidos de uma América já desaparecida – essa América do Midwest imersa na idade da excitação que foi a década de 1950. "A Idade da Excitação" é, aliás, o sugestivo título do quarto capítulo, onde Bryson, num misto de ironia e sarcasmo, discorre sobre uma época e um lugar peculiares:

Éramos felizes e indestrutíveis. Não precisávamos de cintos de segurança, de airbags, de detetores de fumo, de água engarrafada, nem da manobra de Heimlich. Não eram necessárias tampas à prova de criança nos medicamentos. Passeávamos sem capacete quando andávamos de bicicleta, e sem joelheiras e cotoveleiras quando andávamos de skate. Sabíamos, sem que precisassem de nos lembrar por escrito, que a lixívia não era um refresco e que, quando exposta a um fósforo, a gasolina tendia a entrar em combustão. Não nos precisávamos de preocupar com aquilo que comíamos, pois quase todos os alimentos eram benéficos: o açúcar dava -nos energia, a carne vermelha tornava -nos fortes, o gelado proporcionava -nos ossos saudáveis, o café mantinha -nos alerta e produtivos (2008: 83).

Ao longo do livro, o incessante jogo de ambivalências que Bryson vai construindo torna-se, afinal, no leitmotiv do seu texto: pressente-se um contentamento genuíno e desarmante nas histórias que conta acerca dos seus amigos, da sua família e de si próprio, no olhar que ainda hoje retém de uma época e de um país,⁴ como se – e apropriando-me de uma belíssima formulação de Federico Fellini – à criança fosse permitido, por momentos, ser pai do homem em que entretanto se tornou. Jay Jennings, crítico literário do *New York Times*, afirma que "[...] no coração dos múltiplos exageros encontra-se uma verdade bem mais abrangente, uma revelação chocante que poucos

³ A tradução para português é da autoria de Luís Miguel Oliveira Santos, publicada em 2008. O título original é *The Life and Times of the Thunderbolt Kid* e foi originalmente publicado em 2006.

⁴ "Não consigo imaginar altura ou lugar mais gratificante para ter vivido do que a América na década de 1950" (Bryson, 2008: 15).

memorialistas foram tão audazes em admitir: ele teve uma infância feliz" (2006). Momentos depois, o homem-escritor toma o lugar da criança, oriunda do planeta Electro e com horror às manhãs passadas na escola, e quebra um certo encantamento omnipresente na sua narrativa pessoal para embrenhar-se nos temas recorrentes da América dos anos 50, agora iluminados pela luz inesgotável da contemporaneidade. Essa é a transgressão útil do autor, esse deliberado anacronismo intelectual que não pode preencher todas as arestas da sua experiência enquanto criança e adolescente, mas que consegue relacionar as suas histórias com toda uma época e com toda uma sociedade e a que, entretanto, o distanciamento espacial e temporal permitiu uma resignificação – a transmigração cultural de que Stephen Greenblatt fala, em "Resonance and Wonder", um dos ensaios de *Learning to Curse* – que está nos antípodas de uma total complacência ou de um sentimentalismo *à la recherche du temps perdu*. Esse é o desencontro necessário entre o tempo narrado e o tempo da narração, e que é usado por Bryson, como veremos adiante, para denunciar comportamentos e instituições, como quando escreve que "[...] foi de longe a altura mais receosa, emocionante, interessante, instrutiva, espantosa, sensual, ansiosa, preocupante, despreocupada, confusa, serena e desanimadora da minha vida. Por coincidência, foi também tudo isso para a América (2008: 9).

O sentimento de perda permanece irreparável, mas paradoxal. A criança cresceu – sempre soube que crescer não custaria assim tanto – e entretanto saiu do seu país. Cresceu mais um pouco, voltou para escrever *Notes from a Big Country*, e regressou a Inglaterra porque "acontece frequentemente a pessoas que vão viver para os Estados Unidos; começamos a sentir-nos nauseados – há demasiadas coisas" (Brookes, 2006). Agora que está longe, escreve sobre o país que deixou duas vezes, sobre a magia da cultura popular de então e sobre a exuberância e a insanidade de uma época que, enquanto criança, talvez nunca tenha sabido reconhecer. Hoje escreve-as para nós, testemunhas que talvez ainda se sintam reticentes em acreditar que a década de 1950 tenha sido tão pródiga em loucura desmedida. Aceitamos o mito da exuberância e da abundância e talvez nos esqueçamos frequentemente que, amiúde, a América contenta-se em ser uma caricatura de si própria:

Naquele que foi talvez o momento mais irreal de todos, disseram ao dramaturgo Arthur Miller que enfrentava a possibilidade de prisão por se recusar a trair amigos e colegas do teatro, que as acusações

seriam retiradas caso permitisse que o presidente da Comissão de Atividades Antiamericanas, Francis E. Walter, fosse fotografado com a famosa e desejável esposa de Miller, Marilyn Monroe. Miller recusou (Bryson, 2008: 152-3).

Mas talvez a melhor ilustração da necessidade de loucura desses anos esteja presente numa anedota que Alvy Singer, personagem de *Annie Hall* (Woody Allen, 1977), conta acerca de um homem que vai ao psiquiatra e diz: "Doutor, o meu irmão está louco. Pensa que é uma galinha". O psiquiatra responde-lhe: "Então porque é que não o interna?" Diz-lhe o homem: "Até o faria, mas os ovos fazem-me falta". Todas as irracionalidades perpetradas nessa década – a discriminação racial, o McCarthismo, a ameaça de aniquilamento nuclear, o golpe de estado na Guatemala, os constantes testes com ogivas nucleares um pouco por todo o mundo – foram sempre justificadas por esse apetite insaciável que a América tem por omeletas.

Jorge Luis Borges acreditava que o declínio e o conseqüente fim do romance enquanto forma literária privilegiada não iria nunca fazer esmorecer a nossa apetência inata por histórias. Ler *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago* foi um momento de puro deslumbramento: as histórias sucedem-se vertiginosamente no Mundo dos Miúdos, histórias escandalosamente divertidas como a do frasco de chichi – um frasco guardado por baixo do lava-loiça que servia de receptáculo para as aflições de bexiga que o pequeno Bill pudesse ter, e que é reutilizado pela mãe de Bryson para colocar pedaços de pêsego que eram a sobremesa da família.

A capa do livro de Bryson mostra, na edição em capa mole publicada pela Broadway Books, um miúdo com um capacete espacial a empunhar uma pistola de plástico que acredita disparar raios laser, ou não estaria com o olho esquerdo semicerrado a fazer pontaria a algo que está para além dos limites da fotografia. Gosto de pensar, depois de familiarizado com as aventuras deste Rapaz Relâmpago, que esta criança tornada super-herói está prestes a vaporizar um dos seus irritantes inimigos: são todos de carne e osso, trabalham em lojas e comem nos cafés, e são quase todos adultos. Para o Rapaz Relâmpago, ser super-herói não implica atos altruístas; os seus superpoderes servem unicamente de retaliação quando presente que ser criança pode não ser a melhor coisa do mundo. Mas, apesar de todas as contrariedades que esses inimigos das crianças lhes impunham, Bryson evoca "os sábados e os domingos [que] eram os dias mais compridos no Mundo dos Miúdos. Só as manhãs de domingo podiam durar até três meses,

dependendo da estação do ano" (2008: 42). Entretanto, o Rapaz Relâmpago cresceu e abandonou a sua missão de aniquilação dos inimigos, mas apenas porque a derivação descartiana supracitada – "escrevo-me, logo existo" – dilata-se inevitavelmente até "escrevo-me, logo compra-me":

Até há pouco tempo, continuava a vaporizar pessoas ocasionalmente, regra geral logo após terem entrado por uma porta que lhes estava a segurar sem agradecerem, mas acabou por deixar de as eliminar quando se apercebeu que não fazia ideia quais as que compravam livros (2008: 298).

Apesar das fugazes aparições do Rapaz Relâmpago no livro de Bryson, a capa é apenas o início da viagem, sugerindo uma imediata identificação com leitores que possam ter vivido uma experiência comum através dos seus rituais e artefactos próprios: uma experiência masculinizada, W.A.S.P., heterossexual e de classe média, mas também uma experiência geograficamente localizada: não nos esqueçamos de uma Europa a recuperar economicamente da II Guerra Mundial e de uma América que possuía

[...] vinte e seis mil milhões de dólares em fábricas que não existiam antes de 1939, cento e quarenta mil milhões em reservas e títulos de guerra à espera de serem gastos, não apresentavam estragos causados por bombardeamentos e não enfrentavam praticamente qualquer competição (2008: 15).

Quando, em 1959, o vice-presidente Richard Nixon recebeu Nikita Khrushchev na U.S. National Exhibition, a América resplandecia no seu sonho consumista e exportava a sua inabalável fé em bens de consumo. Depois de se divertirem com o mais recente modelo de televisão e de bebericarem refrigerante, Nixon guiou Khrushchev até ao muito publicitado exemplo de abundância americano: uma casa suburbana com seis quartos impecavelmente mobilados. Nixon disse a Khrushchev: "Quero mostrar-lhe esta cozinha. É igual às das casas que temos na Califórnia". Khrushchev respondeu: "Nós temos coisas dessas". No entanto, Nixon fez questão em dizer que, na América, qualquer trabalhador poderia pagar uma casa como aquela. Mais tarde, quando Nixon voltou ao tópico de como os bens de consumo facilitavam a vida em todos os lares americanos, Khrushchev enfureceu-se e retorquiu: "Vocês, americanos, pensam que o povo russo ficaria estupefacto ao ver estas coisas!". Em poucos minutos, a conversa sobre televisões e máquinas de lavar roupa tinha alastrado para uma guerra verbal sobre comunismo e capitalismo. Mais tarde, num jantar oferecido aos dignitários soviéticos,

Nixon declarou orgulhosamente que os Estados Unidos tinham atingido o ideal de prosperidade para todas as pessoas numa sociedade sem classes (Gillon, 2003). A frase de Nixon é o que se espera ouvir de um político em permanente propaganda, mas torna-se interessante perceber até que ponto essa celebração de prosperidade e unidade nacional aumentou as expectativas de grupos excluídos da sociedade dominante. Este debate de cozinha esteve nos antípodas de uma diplomacia que, amiúde, necessita de "pisar ovos", como a expressão idiomática sugere; Nixon personificou o apetite voraz da América por omeletas no confronto ideológico entre duas revoluções em confronto. Se a sociedade do pós-guerra proveio sobretudo das dívidas europeias e das ruínas deixadas pelas bombas, a América não estava disposta a abdicar da sua avidez nos anos subsequentes. Segundo a analogia de Daniel Ellsberg, foi Dwight Eisenhower quem "[...] usou repetidamente bombas atómicas da mesma maneira que um ladrão aponta uma arma à cabeça de alguém sem apertar o gatilho" (Stone e Kuznick, 2012: 250), para assim consolidar a hegemonia dos Estados Unidos sobre o resto do mundo e, dessa forma, saciar continuamente os desejos de uma sociedade consumista em busca da sua integração identitária:

Milhões de americanos acotovelaram-se para comprar uma casa nova nos subúrbios e preenchê-la com os mais recentes aparelhos electrónicos. A televisão, o mais popular de todos os produtos, reforçou a celebração dos valores tradicionais em expansão ao oferecer aos americanos uma dieta regular de imagens compartilhadas. O romance da América com os benefícios materiais da prosperidade gerou contentamento, particularmente entre a classe média branca em expansão, e reforçou o tradicional otimismo americano acerca do futuro (Gillon, 2003: 81).

É indiscutível que o livro de Bryson narra a experiência celebratória do consumismo através do quotidiano emocional de uma criança privilegiada, sentada confortavelmente a ver televisão ou a correr despreocupadamente pelas ruas dos subúrbios numa pacata cidade do Midwest, numa altura em que os americanos

eram donos de oitenta por cento dos electrodomésticos do planeta, controlavam dois terços da capacidade produtiva mundial, produziam mais de quarenta por cento da eletricidade, sessenta por cento do petróleo e sessenta e seis por cento do aço. Os cinco por cento de habitantes da Terra que eram americanos tinham mais riqueza do que os restantes noventa e cinco por cento juntos (Bryson, 2008: 15).

Se, por um lado, uma alegada identificação poderá surgir das vivências comuns desse espaço e tempo particulares, a narrativa de Bryson transcende esses limites e, amiúde,

projeta a sua luz sobre leitores que, mesmo não sendo americanos e não tendo crescido na década de 1950 envoltos numa sociedade reconfortante, envolvem-se emocionalmente na experiência partilhada que é a infância: falo, mais concretamente, de um laço masculino que atravessa fronteiras e décadas e que Bryson consegue descrever com um fulgor inultrapassável.

O Mundo dos Miúdos é o espaço contingente de rapazes à solta na rua ou em lojas de banda desenhada, nas suas transgressões quotidianas e nos seus códigos de comportamento, enquanto o universo feminino é a encarnação do desejo e da proibição – basta recordar o episódio na tenda das strippers, na Feira Estatal do Iowa –, mas é também a regulação inata de despojamento da figura maternal de qualquer traço de sexualidade, após Bryson, enquanto miúdo, se deparar com o Anuário da Universidade de Drake de 1936 e descobrir que a sua mãe fora eleita rainha nesse mesmo ano: "Nunca me ocorrera que a minha mãe parecesse outra coisa qualquer que não maternal. [...] Pensei que era espantoso, talvez até um pouco inadequado, que as outras pessoas pudessem achar a minha mãe atraente ou desejável" (Bryson, 2008: 190). Entre as strippers e a mãe, Bryson parece ter crescido "com os conceitos *inlaw feminine principle* e *outlaw feminine principle* para pensar dois modelos antagónicos de feminino" (Bebiano, 2008: 143).

A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago está longe de ser uma nostalgia complacente: é, acima de tudo, um livro sobre as tensões entre o contentamento da sociedade e a desilusão perante a insensatez identitária de uma sociedade introvertida e uniformizada, apesar de Bryson, numa entrevista ao *Guardian*, não assumir o alcance intelectual que as suas memórias convocam:

[...] não há muita profundidade em *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*. Não é um livro extremamente analítico. As suas intenções são bastante óbvias. Não é um enorme exercício intelectual. Na verdade, é apenas um livro sobre a fase interessante que é a infância, e sobre o lugar interessante e promissor que os Estados Unidos eram há cinquenta anos e como penso que, de certa forma, tudo correu mal. Mas estas não são observações perspicazes (Brockes, 2006).

Por momentos, quase acreditamos em Bryson, mas depois surgem parágrafos que abruptamente quebram com a jovialidade e o humor e entregam-se abertamente à denúncia social, económica e política, de que são exemplos os parágrafos que se referem ao golpe de estado na Guatemala – que Bryson acredita ter acontecido porque

os lobbies económicos americanos estavam em risco –, que criticam abertamente a loucura consumista – "Mas o que outrora fora uma delícia total estava agora a tornar-se muito ligeiramente, e de forma bastante estranha, insatisfatório. As pessoas começavam a descobrir que o consumismo festivo é um mundo de rendimentos decrescentes" (Bryson, 2008: 261), parágrafos que põem a nu uma América racista e retrógrada, de uma completa inabilidade judicial, cuja inclusão neste trabalho serve também para contrapor a opinião daqueles que acusam Bryson de esbanjar o seu talento: "Já foi dito que ele é insonso, superficial, previsível, engraçado, sentimental e um compilador de observações acerca de um 'divertido velho mundo' que abrange pouco mais do que uma série de piadas espirituosas" (Brockes, 2006). Se Bill Bryson é acusado de ser superficial – algo que ele próprio admite sobre estas memórias – não nos podemos esquecer que a qualidade maior dessa superficialidade ou desse suposto senso comum é ser capaz de "captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas" (Santos, 1987: 56). O próprio autor caracteriza *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago* como "[...] um livro sobre pouca coisa: sobre ser pequeno e ficar maior lentamente" (Bryson, 2008: 41), mas talvez não devamos dar ouvidos a Bryson quando, através da escrita, ele parece falar connosco, sempre disposto a dizer-nos o que está para vir. Não acreditemos na sua estratégica subalternidade. Ouçamo-lo a contar histórias. Isso basta para saber que "pouca coisa" se torna rapidamente numa multitude de acontecimentos quotidianos fortuitos, mas sempre geradores de conhecimento. É por isso que Bill Bryson é um multiplicador nato: "Graças [...] à abundância de tempo [...] sabia mais coisas nos meus primeiros dez anos de vida do que julgo ter vindo a saber a qualquer dada altura desde então" (2008: 45). O que se segue a esta citação é a partilha do que Bryson, enquanto criança, soube acerca do que o rodeava, todo esse conhecimento muitas vezes tornado irrisório e histriónico. Afinal, qual de nós saberá hoje tudo quanto há para saber acerca da nossa casa? Refiro-me ao que está debaixo do tampo das mesas e de como é a panorâmica vista de cima das estantes e dos roupeiros. Refiro-me ao que se pode encontrar debaixo de cada armário, ou quais as camas com mais algodão por baixo, ou quais os tetos com as manchas mais interessantes. Qual de nós ainda se lembra do cheiro de tudo o que está ao nível do chão? Qual de nós ainda tem tempo para olhar para as nuvens e saber como vagueiam numa tarde de Julho, ou a que sabe a chuva? Porventura ainda saberemos como é estar

sentado no interior de uma moita ou apreciar um traque, fosse nosso ou de outra pessoa?⁵

No entanto, "hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e colectivas, e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento" (Santos, 1987: 53), pois essa é precisamente a noção de conhecimento situado que, muitas vezes, tendemos a esquecer. Talvez autobiografias como a de Bill Bryson nos façam compreender melhor a nossa própria crise epistemológica: continuaremos agrilhoados a um paradigma dominante de conhecimento se nós, aqueles que julgam ter a responsabilidade intelectual de contestá-lo, nos apropriarmos da serena arrogância com que distinguimos o verdadeiro conhecimento daquele que julgamos dispensável. Mas o mais importante é nunca darmos ouvidos a Bill Bryson. Em vez disso, leiamos-lhe as histórias, porque afinal ele parece saber que o conhecimento também reside no Mundo das Miúdos.

Referências Bibliográficas

- Aschoff, Nicole (2015), *The New Prophets of Capital*. London and New York: Verso. Kindle Edition.
- Bebiano, Adriana (2008), "O sexo do desejo: Margaret Atwood reescreve Penélope," *Norma & Transgressão*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Brockes, Emma (2006), "Travels with a superhero". Consultado a 06.03.2009, em <http://www.theguardian.com/books/2006/sep/02/billbryson.biography>
- Bryson, Bill. (2001), *The Lost Continent: Travels in Small-Town America*. New York: William Morrow Paperbacks.
- Bryson, Bill (2008), *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*. Trad. Luís Miguel Oliveira Santos. Lisboa: Bertrand Editora.
- Eagleton, Terry (2004), *After Theory*. London: Penguin Books.
- Gillon, Steven M. (2003), *The American Paradox: A History of the United States Since 1945*. Boston and New York: Houghton Mifflin Company.
- Greenblatt, Stephen (2007), *Learning to Curse: Essays in Early Modern Culture*. New York and London: Routledge Classics.
- Jennings, Jay (2006), "Happy Days". Consultado a 08.03.2009, em <http://www.nytimes.com/2006/10/15/books/review/Jennings.t.html>

⁵ As frases aqui reproduzidas encontram-se na página 46 de *A Vida e as Aventuras do Rapaz Relâmpago*, por Bill Bryson. No entanto, com vista à evocação de uma presumível memória partilhada da infância, optei por ligeiras alterações sintáticas.

Santos, Boaventura de Sousa (1987), *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Stone, Oliver and Kuznick, Peter (2012), *The Untold History of the United States*. London: Ebury Press.

Zinsser, William (1998), *Inventing the Truth: The Art and Craft of Memoir*. Boston and New York: Mariner Books.